

PARA MATAR A BOLA NO PEITO E FAZER UM GOLAÇO NO DISCURSO: PREDICADOR COM VERBO (SEMI-)SUPORTE

Clarissa Fontenlos Figueira

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Marcia dos Santos Machado Vieira

Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq e Faperj

RESUMO: O capítulo expõe predicadores em uso dentro e fora do domínio discursivo do futebol no Português do Brasil. Estão em foco expressões em que um verbo suporte opera sobre um elemento não verbal formando, juntos, um predicador complexo indicativo de uma jogada esportiva: “fazer uma defesa” e “marcar um gol”. Mapeamos (i) verbos que podem atuar nesse tipo de construção de predicador complexo; (ii) exemplos do que podemos chamar de semissuporte a preencher o *slot* de verbo suporte da construção; (iii) como se configura geralmente o pareamento forma-função das expressões da amostra, se há *chunks*; (iv) como elas se realizam nos dois diferentes contextos; e (v) se há casos de variação, formas alternantes entre predicadores complexos, no *slot* verbal. Examinamos, com base na Linguística Funcional-Cognitiva, na Gramática de Construções e numa perspectiva socioconstrucionista, 477 dados de expressões licenciadas por esse tipo de construção, coletados em textos sobre o futebol, e 166 dados coletados em textos de contextos diversos e diferentes do mundo do futebol. O predicador complexo (verbo-nominal) pode indicar um estado de coisas dinâmico ou não

dinâmico, normalmente é (in)transitivo pessoal e, assim, seleciona um papel participante ou mais (sujeito, em geral, e também complemento preposicionado, em alguns exemplos), compatibiliza-se a uma construção de estrutura argumental para configurar uma proposição no discurso futebolístico e também fora desse domínio. Em ambos, é bastante acionado e envolve frequentemente os verbos suportes *fazer* e *dar* e o semissuporte *marcar*.

CONTEXTUALIZAÇÃO

Neste capítulo, expomos uma investigação sobre predicções com predicadores complexos ligados à linguagem do futebol no Português do Brasil realizada em dois espaços textuais-discursivos diferentes. Desenvolvida como trabalho de conclusão de curso de Letras da UFRJ,¹ a pesquisa pauta-se na pressuposição de diferença quanto à inferência de sentido associada até mesmo a uma mesma forma de predicador a depender do domínio discursivo em que se manifesta: dentro ou fora de textos sobre futebol. Mais especificamente, este capítulo diz respeito a uma análise de dados/construtos de expressões indicativas de uma jogada esportiva constituídas por um verbo (semi-)suporte² associado a um elemento não verbal (em geral, um elemento nominal), resultando em um predicador complexo que funciona tal como um verbo pleno ou um predicador verbal simples na configuração da proposição de um estado de coisas (“dar um chute na bola” e “chutar a bola”, “fazer/exercer marcação do/no adversário” e “marcar o adversário”).³ O predicador verbal complexo liga-se à representação de um estado de coisas (dinâmico ou não); então, pode selecionar um papel participante (como no exemplo 2, a seguir) ou mais (como no exemplo 1) a depender do estado de coisas que conceptualize e pode compatibilizar-se, por força de atração ou de coerção, a uma construção de estrutura argumental (nos termos de GOLDBERG, 1995 e 2006). Em geral,

¹ <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/8001?locale=es>. FIGUEIRA, Clarissa Fontenlos. Construções de predicador verbal complexo na linguagem do futebol: para matar a bola no peito e fazer um goloço no discurso / Clarissa Fontenlos Figueira. 2020. 32 f.

² A definição de verbalizador está no glossário do dicionário (BORBA, 1991, p. XXI): “VERBALIZADOR OU VERBO SUPORTE - verbo que, numa construção complexa, é mero suporte de categorias e indica que o verdadeiro verbo (= núcleo do predicado) está no radical de seu complemento. Ex.: ter medo=temer; causar dano=danificar; abrir falência=falir; ganhar distância=distanciar-se”.

³ “Martelote quando ainda jogava no juvenil e por **fazer marcação do adversário**, quando na realidade, era o adversário que deveria **exercer a marcação** nele” (<https://www.meusport.com/midias-externas/globo-esporte-marcelo-martelotte-considera-normal-oscilacao-de-rendimento-do-sport/>. Acesso em 06 set. 2021.

o *slot* de predicador verbo-nominal em expressões desse tipo é preenchido por predicador de estrutura transitiva pessoal que prevê um papel argumental ou mais, para a configuração de uma proposição no mundo psicobiossocial, mas se efetiva envolvendo apenas o participante sujeito (força indutora/*fazer uma defesaça* ou *fazer uma faltinha*, paciente/*tomar gol*, *tomar esse cartão* ou experienciador) como nos exemplos 2 e 3 a seguir:

- (1) Se mesmo lá há condições de manipular a opinião pública, **dar drible** nas instituições, imagine aqui. <https://www.valor.com.br/politica/6021857/nucleo-politico-de-bolsonaro-e-de-tutela-e-intimidacao>. Acesso em: 12 maio 2019
- (2) Fabiano cruzou na cabeça de Leandro Damiano, que finalizou muito bem. O goleiro apareceu para **fazer uma defesaça**. http://www.gaz.com.br/conteudos/internacional/2018/05/06/119246-inter_perde_por_2_a_0_para_o_flamengo_no_maracana_lotado.html.php. Acesso em: 14 maio 2018
- (3) Não, não, vou evitar, vou dar essa moral pra ele (risos). Claro que eu não posso dar mole para os atacantes. Se tiver que **fazer uma faltinha** ali para não **tomar gol**, vou ter que fazer. Mas eu vou evitar ao máximo **tomar esse cartão** para dar uma moral para o Cartolouco – brincou o zagueiro do Santos. <https://globoesporte.globo.com/cartola-fc/noticia/evento-lanca-cartola-fc,-e-david-bra-z-e-escalado-como-capitao-no-time-oficial.ghtml>. Acesso em: 23 jun. 2018

Expomos aqui resultados relativos ao emprego de predicacões com verbo (semi-)suporte como as desses exemplos, perspectivando-os sob a ótica da Gramática de Construções e da Linguística Funcional-Cognitiva, bem como sob abordagem socioconstrucionista (MACHADO VIEIRA e WIEDEMER, 2020). Mostramos como essas expressões efetivamente se realizam no discurso (com que atributos formais e funcionais) e como se configuram na rede de pareamentos forma-função (organizados, abstrata e esquematicamente, em construções/esquemas, mesoconstruções/subesquemas e microconstruções), ou seja, na arquitetura do Português. Descrevemos os verbos que são combinados ao *slot* verbal desse tipo de construção predicante e, então, averiguamos a potencialidade de verbos semissuportes atuarem nelas, além dos verbos suportes. Tratamos, ainda, de como essas expressões se configuram em diferentes contextos: se há ou não alteração de valores de atributos formais e/ou funcionais. As principais hipóteses na base de tal investigação são estas:

- (i) Há uma variedade de verbos que podem atuar nessas construções, uma vez que esse tipo de estrutura verbo-nominal é bastante recorrente na língua, o que faz com que verbos que normalmente não têm estatuto gramatical

atuem tal como os que têm (verbos suportes, verbalizadores de elementos não verbais) e sejam frequentemente acionados por conta da força de coerção da construção com verbo suporte. Entre eles, há exemplos de verbo semissuporte: condições de interação entre os falantes podem fazê-los empregarem, em uma expressão de uso comum, verbos que nem sempre costumam ser encontrados com a função de suporte, em prol de obter ganhos em termos de expressividade discursiva.

- (ii) O futebolês ultrapassa o domínio discursivo do futebol, não só porque existe o potencial de se empregar expressão típica de outra área para algum ganho expressivo, mas também porque muitas expressões nesse domínio estão associadas a jogadas numa disputa de times/equipes e a comunicação (especialmente a de feição argumentativa) envolve disputa entre pontos de vista de interlocutores.
- (iii) Existe a possibilidade de diferença em atributo(s) funcional(is) quando uma expressão do futebolês é acionada em texto/discurso fora desse domínio. A contextualidade (GOLDBERG, 2016) é um parâmetro que pode impactar a relação de dados a (sub)esquemas ou microconstruções e, então, ocasionar mudança construcional ou até, se esta alcançar a face formal, servir de gatilho para construcionalização (formação de um novo pareamento – nova forma associada a nova função).

O referencial teórico é o da Linguística Funcional-Cognitiva e da Gramática de Construções. Lidamos com os conceitos de: variação construcional (por similaridade/alternância), mudança construcional, construcionalização; parâmetros de mudança como esquematicidade, produtividade, composicionalidade (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) e contextualidade (GOLDBERG, 2016); e habilidades cognitivas de domínio geral como analogia e *chunking*. Soma-se a esse a perspectiva socioconstrucionista, que vem sendo desenvolvida desde Machado Vieira (2016) com base na ideia de que relação de similaridade entre padrões construcionais por analogia também mobiliza, no conhecimento linguístico, uma zona de alternância em que as diferenças entre eles se neutralizam e que é representada como metaconstrução (MACHADO VIEIRA; WIEDEMER, 2020).

Exploramos usos coletados em diferentes contextos, além do contexto de esporte; o contexto esportivo é, de todo modo, o que fornece um maior número de dados. Para a constituição da amostra aqui analisada, utilizamos a ferramenta de busca do Google para pesquisar ocorrências das expressões em diversos gêneros textuais, como sites de notícias, blogs, comentários feitos em redes sociais, entre outros.

No exame da amostra de usos, (i) observamos e descrevemos possíveis alternâncias construcionais, mudanças construcionais e construcionalização; (ii) averiguamos a esquematicidade, a produtividade e a composicionalidade dos dados das expressões investigadas, assim como sua contextualidade; (iii) analisamos a expressividade das construções tendo em conta a relação entre composicionalidade e contextualidade; (iv) mapeamos a rede de padrões construcionais de predicadores com verbo (semi-)suporte; e (v) estudamos os dados considerando os mecanismos cognitivos de analogia e *chunking*.

REFERENCIAL TEÓRICO

Verbo suporte e semissuporte

Machado Vieira (2018, p. 93) define verbo suporte assim:

Verbo suporte é o nome dado a usos de formas verbais que operam rotineiramente sobre um elemento não verbal (em geral, um constituinte nominal – substantivo ou adjetivo –, embora seja possível outra configuração) desprovido de sua função primária referencial ou atributiva, conferindo-lhe estatuto verbal e formando com ele uma unidade funcional predicante, ou seja, um predicador complexo.

Verbo suporte é um verbo que se liga a um elemento não verbal para constituir, com ele, um predicador complexo (que pode até se repetir e cristalizar num *chunk*). Em uma construção com verbo suporte, portanto, quem seleciona os papéis participantes a se compatibilizarem aos argumentos presentes na oração em que esse verbo aparece não é o verbo isolado, mas a construção de predicador complexo. Nas palavras de Machado Vieira (2018, p. 94),

O predicador complexo passa a indicar a estrutura de participantes da predicação verbal. O verbo suporte partilha com o elemento não verbal (sintagma nominal, sintagma adjetival, sintagma preposicional) a função de determinar o número e a natureza dos papéis participantes, que, por sua vez, se compatibilizarão, no uso, com os papéis argumentais de uma construção gramatical oracional de predicação verbal (pessoal ou impessoal; transitiva ou intransitiva).

Além do verbo suporte, há também o estatuto de verbo semissuporte, ligado a verbos que não costumam ocupar a função de suporte, mas, ocasionalmente, devido a fatores como, por exemplo, o contexto, podem ocupar essa função em algumas situações. Tal definição é proposta por Machado Vieira (2014, p.105):

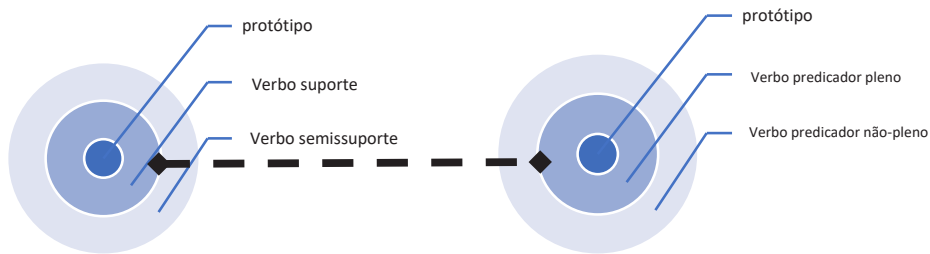
É preciso, então, levar em consideração que há: Construções com verbo que se situa numa categoria fronteira a de verbo predicador do contínuo léxico-gramática, já

que, por um lado, tem feição gramatical de verbo suporte (operando sobre um elemento não verbal, conferindo-lhe papel predicante, e com ele constituindo uma unidade funcional similar a um verbo pleno), mas, por outro, não é tão rotineiramente mobilizado para a formação regular de novos exemplos de predicadores complexos (uma espécie de verbo semissuporte).

O chamado verbo semissuporte é um lexema mais rotineiramente ligado à categoria de verbo pleno apesar de ser ocasionalmente levado a ter papel afim/próximo ao de um verbo suporte.

As noções de verbo suporte e semissuporte capturam diferentes graus de ligação ao protótipo do grupo de verbos com contorno de verbo suporte/verbalizador de um elemento não verbal (mais ou menos evidente).

Figura 1 – Relação entre tipos de funcionamento de lexemas verbais da gramática do Português pertencentes à família de padrões construcionais de predicadores (simples e complexos).



Fonte: Autoral.

Linguística Funcional-Cognitiva

A Linguística Funcional-Cognitiva corresponde a uma tendência mais atual do Funcionalismo antenado a demandas da Linguística Baseada no Uso (IBBOTSON, 2013), que busca lidar com questões de ordem discursivo-pragmática, questões cognitivas e afetivas e questões sociais, perspectivando-as como constitutivas do conhecimento linguístico. A língua emerge do uso, é fruto do processo desencadeado por atividades comunicativas, sociais e cognitivas. Dessa forma, o sistema linguístico configura-se e reconfigura-se a partir da experiência de uso ou do processamento/percepção de usos, a partir das instâncias de construções produzidas/recebidas pelos falantes.

A arquitetura de uma língua tem como unidade a construção, ou seja, um pareamento forma-função, constituído de atributos formais e funcionais, realizado mediante constructos/usos, configurado com base em diferentes graus de esquematicidade, produtividade e composicionalidade e representado cognitivamente

em relação com outras construções, formando uma rede construcional, segundo a teorização construcionista. Fried (2013) faz a seguinte distinção entre construção e construto:

Construções são “pedaços de gramática” (Kay & Fillmore 1999: 2), enquanto construtos são realizações físicas reais de construções, ou seja, tokens de enunciado (palavras, frases, sentenças) que instanciam construções no discurso. Uma construção é, portanto, uma generalização sobre construtos. (FRIED, 2013: p. 5)⁴

Fried (2013) destaca que uma vantagem de uma análise de cunho construcionista tem a ver com a dimensão holística, já que o foco da pesquisa está no padrão como um todo e não apenas no item. A arquitetura de nosso conhecimento linguístico compreende generalizações que ficam estocadas na mente e que dizem respeito aos fenômenos de estabilização, variação, mudança construcional ou construcionalização. A principal diferença entre a construcionalização e a mudança construcional é que a construcionalização resulta na criação de uma nova construção e a mudança construcional não.

A construcionalização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) é compreendida como um processo que resulta na criação de um novo pareamento de forma e função, isto é, resulta na criação de uma nova construção ou nó na rede construcional. A criação dessa nova construção é acompanhada de mudanças no grau de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Esse processo ocorre a partir de uma série de microetapas de mudança e, portanto, é sempre gradual. Como explicam Traugott e Trousdale, para que ocorra o processo de construcionalização é preciso que haja mudanças tanto na forma (morfológica, sintática, lexical, prosódica, fonético-fonológica) e no sentido (na função semântica, discursiva, pragmática, social, cognitiva) resultando na criação de uma nova construção que é o que configura o processo de construcionalização.

A mudança construcional caracteriza-se por alterações que afetam traços, ou características, de construções já existentes. Tais mudanças podem ocorrer tanto no nível da forma como no nível da função, mas nunca nos dois simultaneamente. “Uma mudança construcional é uma alteração que afeta um dimensão internade uma construção. Não envolve criação de um novo nó.”⁵, segundo Traugott e Trousdale (2013, p. 26).

⁴ Constructions are “pieces of grammar” (Kay & Fillmore 1999: 2), while constructs are actual physical realizations of constructions, i.e. utterance-tokens (words, phrases, sentences) that instantiate constructions in discourse. A construction is thus a generalization over constructs. (FRIED, 2013: p. 5).

⁵ “A constructional change is a change affecting one internal dimension of a construction. It

“Pode-se conceber a variação com base em relação de similaridade (por comparabilidade, alinhamento, sinonímia ‘imperfeita’), que é traçada pelos falantes e/ou é ensejada por conta de links de herança/instanciação” (MACHADO VIEIRA, 2019, p. 160). O fenômeno de variação aqui considerado é capturado empiricamente via percepção de similaridade entre construtos/dados e alinhamento funcional entre microconstruções que os licenciam. Advém do mecanismo cognitivo de analogia.

E o fenômeno de estabilização (sempre relativo ao que se captura no processo de observação científica) é aqui revelado pela representação teórico-explicativa da rede construcional a que se chega a partir dos usos de padrões construcionais de predicadores complexos empiricamente examinados.

Habilidades cognitivas de domínio geral

Entre as habilidades que importam a este capítulo estão analogia, categorização e *chunking*.

Chunking ou encadeamento (segundo BYBEE, 2010, 2017) é o processo pelo qual sequências de unidades passam a ser entendidas como um todo, isto é, uma estrutura complexa. Para que uma construção se torne um *chunk*, que é resultado de um *chunking*, isto é, sequências de material linguístico são armazenadas e acessadas como um todo, uma unidade fossilizada (BYBEE, 2010), deve haver uma frequência de uso dessa estrutura para que ela se torne uma forma cristalizada e seja entrincheirada na memória. Bybee também afirma que *chunking* é um mecanismo primário que leva à formação de construções.

Analogia, também segundo Bybee, diz respeito ao processo pelo qual o usuário de uma língua passa a usar um novo item numa construção, um processo que permite que novas estruturas sejam criadas por meio da comparação com estruturas já existentes anteriormente em outros contextos discursivos. Produzir e processar enunciados linguísticos envolve os movimentos de associação e dissociação. A associação potencializa o acionamento de novas possibilidades. Associação e dissociação envolvem categorização linguística.

Categorização é um processo, relacionado à nossa memória rica, pelo qual reunimos, por semelhança, e separamos, por dissimilaridade, entidades, organizando-as em categorias prototípicas cujos limites não são tão nítidos, uma vez que envolvem tanto exemplares prototípicos quanto exemplares periféricos.

does not involve the creation of a new node”, Traugott; Trousdale (2013, p. 26).

Parâmetros de análise

A **esquematicidade** revela-se via processo de esquematização da representação cognitiva que licencia usos linguísticos, pelo grau de abstração de uma construção e de seus *slots* (aos quais associações de, por exemplo, lexemas ou outras construções são previstas formal e funcionalmente). Todo construto que é encontrado na língua é realização licenciada por padrões construcionais que apresentam diferentes níveis de abstração. O nível mais esquemático é chamado de *esquema construcional* ou *macroconstrução*; em seguida, com um menor grau de abstração e maior grau de preenchimento de *slots* ou de previsão de suas potencialidades de preenchimento, há outro nível chamado *subesquema* ou *mesoconstrução*; entre o subesquema e o construto, há ainda outro nível de abstração chamado de *microconstrução*, que corresponde ao nível abstrato mais preenchido e mais substantivo (em termos de previsão de atributos de forma e funcionalidade). São as microconstruções que licenciam os construtos que correspondem aos usos efetivos pelos falantes (chamados, na teoria, de construtos).

A **produtividade** é o parâmetro que se alinha à potencialidade estatística de preenchimento de um *slot* ou de expressividade, no uso, de uma construção, bem como à repercussão dela em novas extensões de forma-função (e, por conseguinte, a extensibilidade da construção) ou à frequência de novos construtos gerados pelos esquemas construcionais existentes. Compreende, por exemplo, frequência de ocorrências e de tipos construcionais (*tokens* e *type(s)*) ocasionados por uma construção mais abstrata.

A **composicionalidade** diz respeito ao grau de transparência entre a construção e as partes que a compõem, bem como à ligação dessas partes. Quando o significado da construção pode ser compreendido a partir da soma dos significados das partes, trata-se de uma construção com alto grau de composicionalidade. Quando o significado da construção (quase) não corresponde à soma do significado das partes que a compõem, trata-se de uma construção com um baixo grau de composicionalidade ou não composicionalidade (sendo esta situação típica de casos de *chunking*).

Por último, a **contextualidade** é um fator mencionado por Goldberg (2016) e diz respeito às interferências na significação das construções de fatores contextuais e conhecimento partilhado propiciado pelo contexto. Goldberg (2016) adverte sobre a possibilidade de uma língua ser encarada como uma rede de construções cujo significado destas não reside inteiramente ou necessariamente na expressão (verbal) delas, tendo em vista expressão num elemento/“sinal” construcional como fator que promove que o significado de uma instanciação seja socialmente

compartilhado, uma vez que a língua em si normalmente oferece apenas pistas incompletas para a interpretação geral da sentença. Afinal, uma língua está também configurada por subespecificações conceptuais, vagueza, elipses, não explicitação de pensamentos ou intenções de interpretação. Metaforicamente falando, temos acesso, nas expressões linguísticas, apenas à ponta do *iceberg*. E é a partir dela(s) que inferimos efeitos de sentido rastreados numa contextualidade.

Os dados e a análise empírica

A amostra aqui descrita compõe-se de um total de **643** dados coletados em diferentes domínios discursivos: **477** dados foram coletados dentro do contexto esportivo e **166** foram coletados fora deste contexto. Fora do contexto esportivo, os principais temas encontrados nos textos dos dados foram os ligados à política (principalmente), ou ainda a cinema, relacionamento e escola.

A coleta, feita em sites de notícias de temas diversos, blogs e espaços destinados a comentários em blogs e redes sociais, ocorreu via ferramenta de busca do Google: buscamos dados de cada construção de predicador complexo cogitada como possível (a partir de consultas a textos do mundo do futebol), coletamos todas as notícias, comentários e matérias em sites em que cada construção procurada ocorreu, destacamos trechos dos textos com a predicação objeto da investigação e configuramos a partir deles a amostra-base. Outra forma de buscar esses dados foi acessando diretamente blogs relacionados ao futebol e procurando dados a partir da ferramenta de busca do navegador. A busca direta por expressões no Google foi necessária para que pudéssemos constituir uma amostra com um número expressivo de dados.

Com a finalidade de auxiliar na análise dos parâmetros de produtividade e esquematicidade e no mapeamento da rede de padrões construcionais, procedemos à organização de subamostras: (i) de todos os verbos que puderam ser encontrados nas construções estudadas exercendo a função de verbo (semi-)suporte; (ii) de compatibilização de lexemas verbais aos *slots* nas construções em questão. Ainda buscando examinar os parâmetros de produtividade e esquematicidade das expressões, foi feito um mapeamento da frequência e da extensibilidade de microconstruções (frequência *type*) e da frequência dos construtos (frequência *token*) licenciados por essas microconstruções. Além disso, projetamos a rede dos padrões construcionais abstratos que licenciam as tais expressões. Fizemos, também, uma análise do grau de composicionalidade das expressões em diferentes contextos a partir da comparação de diversos dados. Por fim, buscamos observar

e descrever os casos em que ocorriam possíveis mudanças construcionais, construcionalização e variação.

PREDICAÇÃO VIA PREDICADOR COMPLEXO COM VERBO (SEMI-)SUPORTE: RESULTADOS DE UMA ANÁLISE EMPÍRICA

Exame do grau de produtividade e esquematicidade das expressões

Quanto à potencialidade de preenchimento do *slot* verbal da construção com verbo (semi-)suporte por contexto (dentro e fora do domínio discursivo do futebol), os padrões construcionais mais frequentemente preenchidos pelos verbos são vistos na tabela a seguir:

Tabela 1 – Distribuição percentual dos dados por verbo (semi-)suporte nos dois domínios discursivos examinados

No contexto esportivo	Fora do contexto esportivo
Fazer (269) (Fazer gol) 56,3%	Fazer (76) (Fazer pedalada) 45,7%
Dar (54) (Dar passe) 11,3%	Dar (30) (Dar cartão vermelho) 18,1%
Marcar (50) (Marcar gol) 10,4%	Bater (17) (Bater bolão) 10,2%
Cobrar (27) (Cobrar falta) 5,6%	Marcar (12) (Marcar gol de placa) 7,2%
Sofrer (20) (Sofrer gol) 4,2 %	Pendurar (7) (Pendurar as chuteiras) 4,2%
Tomar (18) (Tomar gol) 3,7%	Jogar (5) (Jogar para escanteio) 3%
Levar (15) (Levar gol) 3,1%	Levar (4) (Levar carrinho) 2,4%
Pendurar (13) (Pendurar as chuteiras) 2,7%	Colocar (4) (Colocar para escanteio) 2,4%
Bater (8) (Bater uma bolinha) 1,7%	Tomar (3) (Tomar cartão vermelho) 1,8%
Colocar (1) (Colocar para escanteio) 0,2%	Mostrar (3) (Mostrar cartão vermelho) 1,8%
Meter (1) (Meter golzinho) 0,2%	Arriscar (1) (Arriscar drible) 0,6%
Pintar (1) (Pintar um golzinho) 0,2%	Deixar (1) (Deixar de escanteio) 0,6%
	Levantar (1) (Levantar bola) 0,6%
	Passar (1) (Passar cartão vermelho) 0,6%
	Matar (1) (Matar no peito) 0,6%
Total: 477	Total: 166

Fonte: Autoral.

Em azul, estão os verbos encontrados a partir dos dados coletados no domínio esportivo e, em vermelho, estão os verbos encontrados a partir dos dados coletados fora desse domínio. Em ambos os domínios, os verbos *fazer* e *dar* foram os mais produtivos. São esses dois verbos também mais vezes referidos quando a intenção é ilustrar a categoria de verbo suporte (cf., por exemplo, MATEUS *et al.*, 2003; RAPOSO *et al.*, 2013; MACHADO VIEIRA, 2018).

Ao lado de cada verbo, optamos por ilustrar, entre parênteses, a expressão que mais vezes é registrada com ele no *corpus*. Assim, é possível observar a frequência de ocorrência de cada verbo separadamente a se compatibilizar na construção com verbo (semi-)suporte, bem como o padrão construcional mais recorrente. Então, passamos a estabelecer um contínuo no qual alguns verbos se apresentavam mais claramente ligados à categoria de verbo suporte e outros menos, com estatuto semissuporte. Os exemplos 4 e 5 ilustram as duas construções mais frequentes nos dois domínios discursivos.

(4) Alex: Em momento algum. O que queríamos era **fazer gol** no Maracanã. É claro que logo após a partida todos lamentam a perda de uma vantagem maior. Mas depois, com a cabeça mais fria, você consegue ver que o primeiro objetivo que era obter a vantagem tinha acontecido. <https://www.hojeemdia.com.br/esportes/o-t%C3%ADtulo-do-cruzeiro-de-tetracampe%C3%A3o-da-copa-do-brasil-em-2003-contado-por-alex-1.561283>. Acesso em: 28 set. 2017

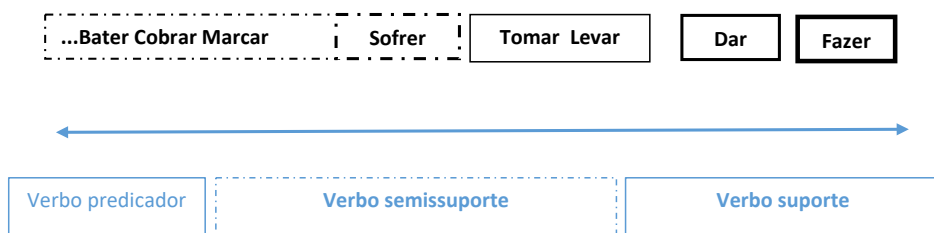
(5) “Fundeb e dinheiro dos Municípios não vamos pedalar. Eu garanto. Não vamos **fazer pedaladas**. Passei essa determinação expressa ao atual secretário de Fazenda Rogério Gallo”, afirmou Mendes em entrevista nesta semana. <https://www.midianews.com.br/politica/nao-vamos-dar-pedaladas-fundeb-e-municipios-terao-repasses/342253>. Acesso em: 22 maio 2019

Como o conceito de verbo semissuporte está diretamente ligado à frequência de ocorrência do item verbal que ocupa o *slot* com a função de verbo suporte e, portanto, é mais corriqueiramente atraído para esse *slot*, podemos dizer que *dar* e *fazer*, assim como já era nossa expectativa, são os mais frequentes. São esses verbos os que se revelam mais esvaziados de especificidade semântica, sem falar no fato de que são os que operam, noutras construções, também com outros perfis gramaticais (tais como o de verbo (semi-)auxiliar em estruturas como “dar de Vinfinitivo” ou “fazer Vinfinitivo”, com perfil aspectual e causativo respectivamente). São, por assim dizer, os verbos mais em consonância com o estatuto de verbo suporte. Por outro lado, verbos como *bater*, *cobrar* e *sofrer* se mostraram bem menos frequentes e, portanto, embora também sejam acionados para preencher a construção de predicador verbal complexo, fazem-no numa condição diferente: como semissuportes. Não são normalmente associados, pelo menos não de imediato, a algum grau no contínuo verbo predicador/de conteúdo-verbo suporte/procedural (verbalizador de elemento de partida não verbal);⁶ porém, ao ocorrerem nessa construção, já são alinhados a algum grau no contínuo, como um tipo de recurso de contorno menos nitidamente instrumental.

⁶ Cf. Figura 1.

Confirmamos a hipótese sobre haver verbos semissuportes no *corpus* estudado, uma vez que expressões esportivas com verbo (semi-)suporte são muito recorrentes na língua em uso e, justamente por conta dessa produtividade, estão constantemente sendo alvo de inovação, e estão sujeitas a outras alternativas de preenchimento, haja vista a representação de predicador verbal complexo enraizada na mente do falante. Estimamos o seguinte contínuo de associação dos lexemas verbais ao *slot* de verbo suporte:

Figura 2 – Concepção gradual da categorização verbal baseada na frequência *token* de acionamento de item verbal para a construção de predicador complexo.



Fonte: Autoral.

No esquema representado pela Figura 2, à direita encontram-se os verbos que mais se alinham à definição de verbo suporte, no caso, *fazer* e *dar*. O verbo *dar*, entretanto, por ser bem menos recorrente que o verbo *fazer*, aparece mais próximo ao meio do contínuo, mas ainda posicionado mais à direita. À esquerda, encontram-se os verbos que mais se alinham à definição de verbo semissuporte: para exemplificar essa categoria, na representação da Figura 2, temos, por exemplo, os verbos *sofrer* e *marcar* que ocorrem, no *corpus*, com uma frequência bem menor se comparada à dos verbos *fazer* e *dar*. Vale dizer que estudos sobre predicções passivas têm revelado o acionamento de *sofrer* como semissuporte em predicados complexos de passividade no Português do Brasil (cf. TEIXEIRA, 2020; MACHADO VIEIRA, 2021).

Examinando agora o *slot* de elemento não verbal, detectamos, nas tabelas a seguir, a combinação de alguns dos verbos apresentados na Tabela 1 aos elementos não verbais mais frequentes no *corpus*.

Tabela 2 – Frequência de compatibilização de lexemas ao *slot* de elemento não verbal por verbo (semi)suportemais produtivo em [V(semi-)suporte + elemento não verbal]predicador verbal complexo (no contexto esportivo)

Dados coletados no contexto esportivo

	gol	defesa	cera	X a Y	jogada	drible	crucamento	golaço	cartão vermelho	passa	pênalti	escanteio	falta	golzinho
fazer	52	37	22	17	17	13	14	9					11	
dar						4				9				
marcar	35							5			3	1		
cobrar											5	6	10	
sofrer	10										1		3	
tomar	11								5					
levar	6								3					
bater											2			
cavar											1		4	
meter														1
pintar														1

Fonte: Autoral

Na tabela anterior, estão apenas os dados encontrados dentro do domínio esportivo. Na vertical, estão listados os verbos mais recorrentes e, na horizontal, os elementos não verbais que mais recorrentemente se combinam aos verbos. Os números correspondem à quantidade de vezes com que cada combinação, expressão *V(semi-)suporte + elemento não verbal*, foi encontrada.

Tabela 3 – Frequência de compatibilização de lexemas ao *slot* de elemento não verbal por verbo (semi)suporte mais produtivo em [V(semi-)suporte + elemento não verbal]predicador verbal complexo (fora do contexto esportivo)

Dados coletados fora do contexto esportivo

	peda lada	gol	firu la	joga da	defe sa	jogui nho	drible	cartão vermelho	cartão amarelo	bolão	pênal ti	escan teio	gol de placa
fazer	15	10	9	7	6	4	4						3
dar	1						8	12	2				
marcar		3										1	6
tomar							1	2					
levar								1	1				
bater										5	5	3	

Fonte: Autoral.

A Tabela 3 está organizada da mesma forma que a anterior. A diferença está no seguinte: nessa consideramos apenas os dados encontrados fora do domínio esportivo. Em vermelho estão destacados os elementos não verbais que se repetem nas duas tabelas e em amarelo os verbos que se repetem nas duas Tabelas (2 e 3).

Vemos que, dependendo do domínio discursivo, alguns verbos são mais comuns que outros. Observamos, também, uma mudança em relação ao termo não verbal mais compatível com cada verbo: o verbo *fazer*, por exemplo, no contexto esportivo, como ilustrado no exemplo 6, ocorre muito mais vezes combinado com o nome “gol” enquanto, fora desse contexto, como ilustra o exemplo 7, o mesmo verbo ocorre mais frequentemente combinado com o nome “pedalada”.⁷

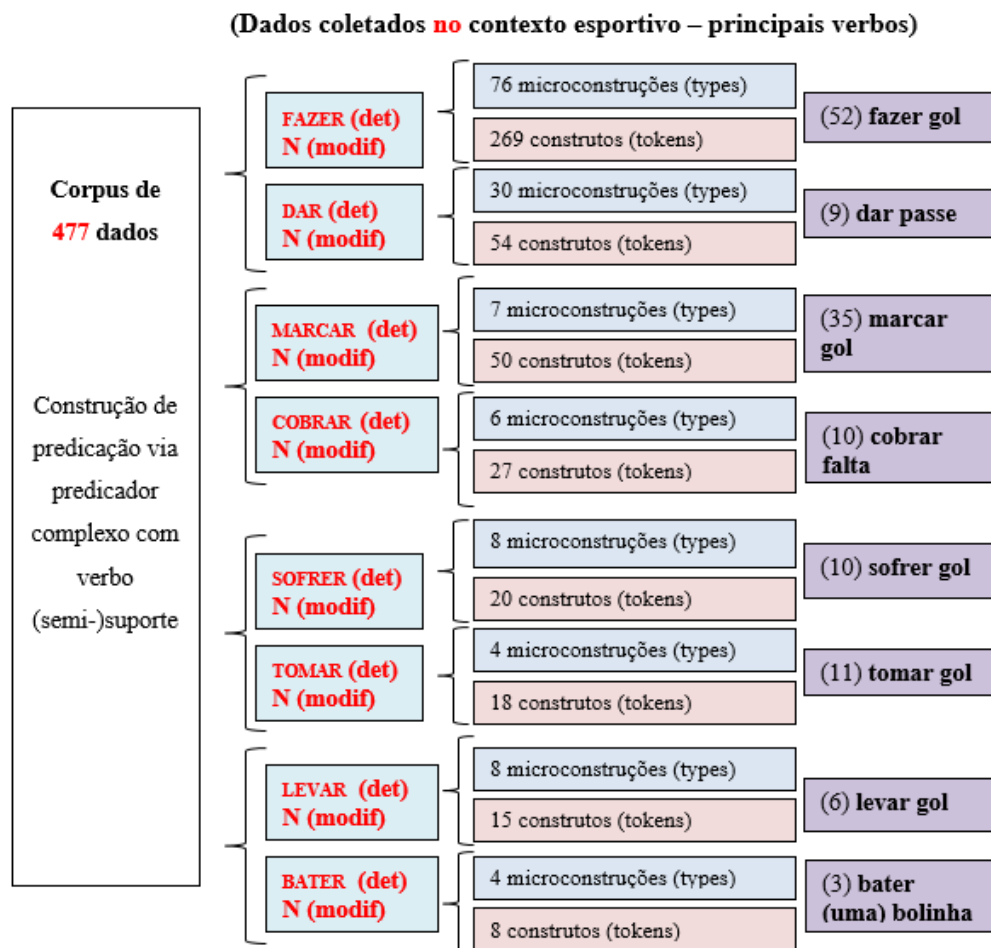
(6) Já a Ponte chegou a **fazer um gol**, ou melhor, viu David Braz **fazer um gol contra**, mas havia um atacante em impedimento e que participou do lance, o que justificou a anulação, ainda nos 45 minutos iniciais. <https://blogdojuca.uol.com.br/2017/06/santos-empata-com-a-ponte-mas-mereceu-vencer/>. Acesso em 18 jun. 2017

(7) O relatório aponta ainda que a agência **fez “pedaladas”** das obrigações que havia imposto às operadoras, trocando metas vencidas e não cumpridas por novas, sem que houvesse punição. <http://g1.globo.com/economia/noticia/2016/09/anatel-fez-pedaladas-em-fiscalizacao-contras-empresas-de-telefonia-diz-tcu.html>. Acesso em: 05 out. 2017

Os esquemas descritos a seguir (Figuras 3 e 4) resultam do mapeamento da: (i) distribuição dos dados por padrões construcionais (à esquerda/padrão construcional mais abstrato, mais à direita/padrões mais substantivos/preenchidos e menos abstratos); e (ii) extensibilidade de microconstruções a partir da construção de predicado complexo com verbos suporte (frequência *type*, quantos tipos/*types* construcionais foram detectados e um exemplar do mais frequente), bem como da frequência dos construtos (frequência *token*, ou seja, número de usos/*tokens* associado ao conjunto de tipos/*types* construcionais e ao tipo construcional mais produtivo, indicado entre parênteses neste último caso) licenciados por cada microconstrução detectada a partir da análise da amostra.

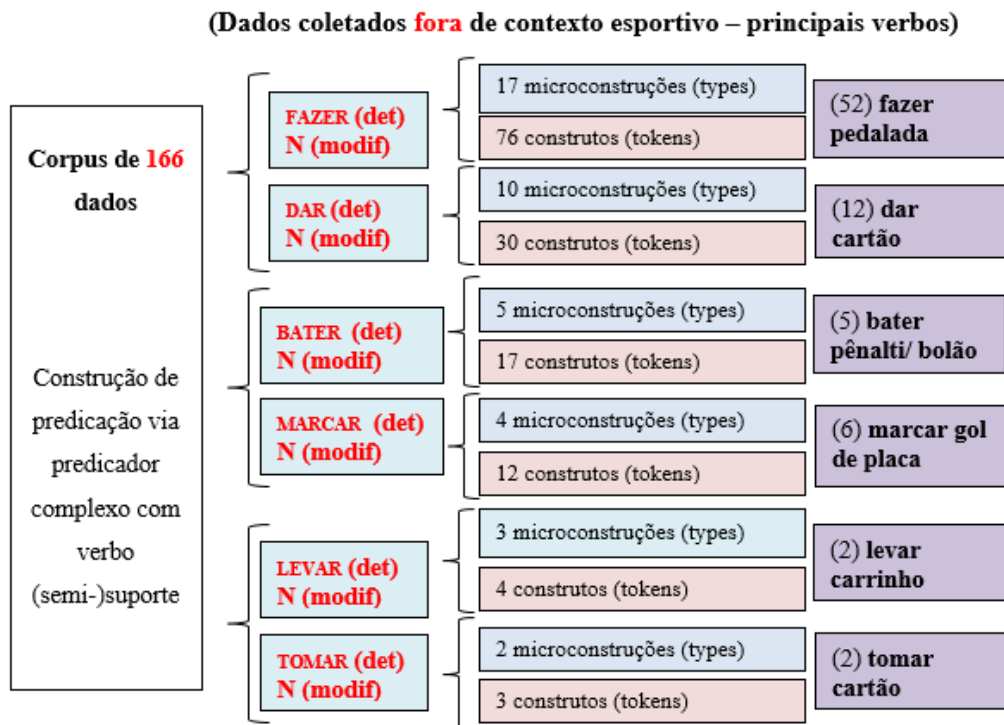
⁷ E nessa manifestação linguística mais recorrente nas construções textuais-discursivas observadas, também capturamos uma predicação marcante por um tempo na história política do Brasil, em que a expressão “fazer pedalada” é bastante acionada e associada a significado relativo a improbidade no gerenciamento fiscal de dinheiro público.

Figura 3 – Construção de predicação com verbo (semi-)suporte no contexto esportivo.



Fonte: Autoral.

Figura 4 – Construção de predicação com verbo (semi)suporte fora do contexto esportivo.



Fonte: Autoral.

Nas esquematizações apresentadas, vemos a frequência de ocorrência dos principais verbos estudados e os padrões construcionais de que fazem parte e que licenciam os construtos/dados em questão.

Analisando somente os dados encontrados dentro do contexto esportivo (subamostra de 477 dados), dentre os verbos suportes (*fazer* e *dar*), o que mais se destaca é o verbo *fazer* com 269 construtos, que foram gerados por setenta e seis microconstruções diferentes. A microconstrução mais produtiva é “fazer gol” com cinquenta e duas ocorrências. Em segundo lugar (como verbo suporte), está o número de dados envolvendo o verbo *dar*, que ocorreu em cinquenta e quatro construtos, licenciados por trinta microconstruções. A microconstrução que licencia mais ocorrências é “dar passe” (9 ocorrências).

Dentre os semissuportes (477 dados), o mais produtivo foi o verbo *marcar*, com cinquenta construtos gerados a partir de sete microconstruções diferentes. A microconstrução mais recorrente referente a esse verbo foi “marcar gol” com trinta e cinco ocorrências. Em segundo lugar, encontramos o verbo *cobrar*, que

ocorreu em vinte e sete construtos licenciados por seis microconstruções. “Cobrar falta” é a microconstrução à qual se ligam mais dados da subamostra (10 usos).

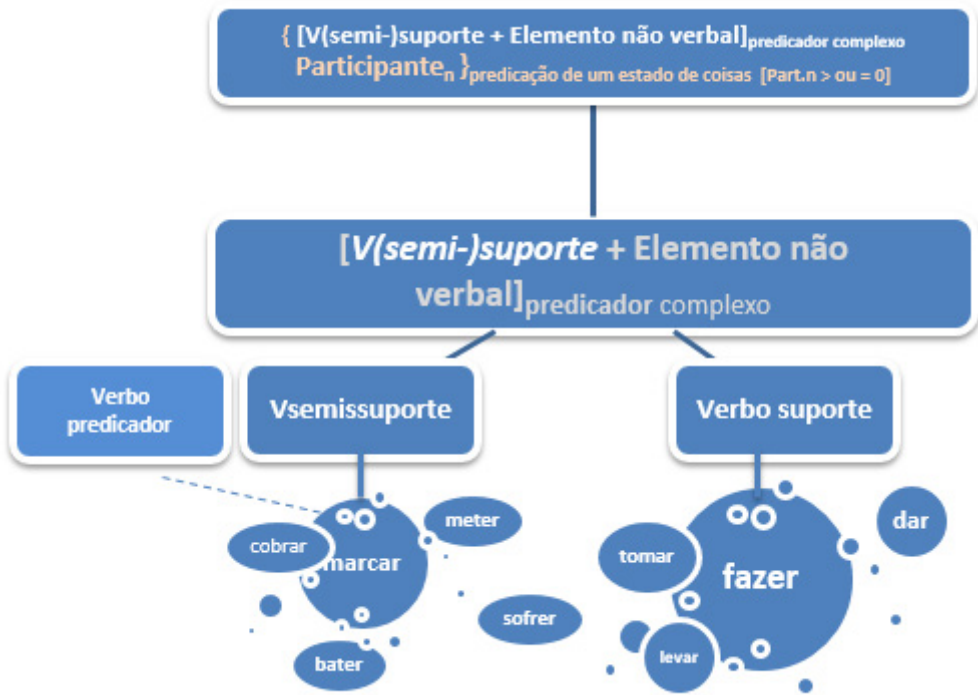
A partir da análise dos dados coletados fora do domínio esportivo (subamostra de 166 dados), o verbo suporte *fazer* também se revela o mais produtivo, sendo observado em setenta e seis construtos que foram licenciados por dezessete diferentes microconstruções. Em segundo lugar, também apareceu o verbo *dar*, que ocorre um total de trinta vezes em construtos licenciados por dez microconstruções distintas.

Dentre os verbos semissuportes (166 dados), o mais produtivo é o verbo *bater*, que ocorre em dezessete construtos, licenciados por cinco microconstruções. Em seguida, observamos o verbo *marcar*, que aparece em doze construtos, licenciados por quatro microconstruções.

O construto mais produtivo com o verbo *fazer* encontrado nesse contexto é a expressão “fazer pedalada”, que ocorre quinze vezes. Com o verbo *dar*, é a expressão “dar cartão vermelho” a mais produtiva, que ocorre doze vezes. Com o verbo *bater*, as mais produtivas são as expressões “bater pênalti” e “bater um bolão”, que ocorrem cinco vezes cada uma e, com o verbo *marcar*, a expressão mais produtiva é “marcar gol de placa”, encontrada seis vezes.

Na Figura 5, projetamos uma esquematização que propicia visualizar o nível mais abstrato que licencia tais microconstruções, a partir de combinações de lexemas (só os verbais estão representados no sopé da figura 5) e predicadores verbo-nominais à macroconstrução de predicação com predicador complexo que é formado de verbo suporte ligado a elemento não verbal.

Figura 5 – Rede de combinação de lexemas verbais e padrões construcionais de predicador complexo e predicação.



Fonte: Autoral.

As microconstruções são constituídas por possibilidades verbais normalmente ligadas à categoria de verbo suporte ou, ainda, à categoria de predicador. São, então, licenciadas pela mesoconstrução representada por um verbo semissuporte mais um elemento não verbal ou, mais produtivamente, pela mesoconstrução representada por um verbo suporte mais um elemento verbal. Essas duas mesoconstruções, por sua vez, são licenciadas por uma macroconstrução representada pela associação de um verbo/item verbal com estatuto de verbo (semi-)suporte a um elemento não verbal a qual ocupa o *slot* predicante da predicação de um estado de coisas.

EXAME DO GRAU DE COMPOSICIONALIDADE E DA CONTEXTUALIDADE DAS EXPRESSÕES

Ao analisar os dados segundo os parâmetros de composicionalidade e contextualidade, observamos que o grau de composicionalidade de uma mesma

expressão difere a depender do contexto. Os dados das expressões encontradas no contexto esportivo mostram-se, em alguns casos, mais composicionais ou menos, se comparados a dados da mesma expressão encontrada em outro domínio discursivo.

No caso da expressão “dar cartão vermelho”, por exemplo, podemos observar essa mudança do grau de composicionalidade devido à diferença de contexto. Quando usada dentro do contexto esportivo, essa expressão possui maior grau de composicionalidade (um cartão vermelho é apresentado), se comparada ao menor grau de composicionalidade que a mesma expressão possui quando usada no contexto político, por exemplo. Nesse caso, há um emprego metafórico da expressão, que está associada à ideia de advertência, reprimenda, reprovação, punição (de expulsão/banimento).

Essa diferença no grau de composicionalidade fica nítida nos seguintes exemplos:

(8) Depois do gol, a arbitragem analisou o lance desde sua origem com o uso do Árbitro de Vídeo e, além de confirmar o tento, ainda viu lance de falta onde Léo Sena acabou pisando com a ponta do pé na mão de Rithely e decidiu **dar cartão vermelho** para o atleta do Goiás. <https://www.lance.com.br/brasileirao/goias-com-menos-virada-bate-internacional-serra-dourada.html>. Acesso em 05 jan. 2020

(9) Mas os que **deram cartão vermelho** para a autora devem ter se arrependido: a quadrinista foi a mais premiada em 2018, levando as principais categorias...<https://www.folhape.com.br/diversao/diversao/quadrinhos/2019/05/01/NWS,103421,71,650,DIVERSAO,2330-MINHA-COISA-FAVORITA-MONSTRO-TRAZ-FORCA-NARRATIVA-TERROR-INCOMUM.aspx>. Acesso em: 05 jan. 2020

No exemplo 8 “dar cartão vermelho” é usado de forma mais composicional uma vez que, nesse caso, há de fato um cartão vermelho que está sendo levantado para sinalizar a expulsão de um jogador. No exemplo 9, a expressão é usada em um sentido menos literal e, portanto, menos composicional uma vez que não há cartão vermelho de fato, mas apenas a ideia de exclusão/censura a que o cartão vermelho (também no jogo de futebol) se associa.

Ressaltamos, entretanto, que, apesar de haver diferença do grau de composicionalidade, a depender do contexto, em ambos os casos a expressão não é totalmente composicional. Dessa forma, estamos considerando que o parâmetro de composicionalidade é gradual, podendo haver, assim, diferentes graus de composicionalidade.

No contexto esportivo, ainda que haja literalmente um cartão vermelho sendo levantado, o sentido da expressão não se restringe apenas ao ato de dar um cartão vermelho a alguém. O verbo “dar” ocupa a posição de um verbo suporte que acompanha o termo não verbal “cartão vermelho”. Essa expressão, portanto, tem um significado diferente do que o simples ato do juiz levantar o cartão vermelho ao jogador. Ela significa expulsar o jogador de campo. Também não diz respeito ao ato de transferência a que o verbo predicador *dar* é frequentemente associado (não é transferir-lhe um cartão vermelho).

Com isso, podemos dizer que, em ambos os casos, a expressão não é composicional. Isso se deve ao próprio verbo suporte que, ao ocupar essa função, revela algum grau de dessemantização. E também se deve ao sentido mais amplo que o ato de mostrar um cartão vermelho para um jogador durante uma partida de futebol possui.

Observamos esse tipo de diferença também nas expressões: “dar cartão amarelo”; “bater bola”; “bater uma bolinha”; “marcar gol”; “marcar golaço”; “levantar bola”; “marcar escanteio”; “fazer gol”; “fazer golaço”; “dar drible”; “bater pênalti” e “bater escanteio”.

(10) Indagado se há algum tema da reforma que o governo não aceita negociar, Bolsonaro negou. “O Parlamento é soberano para fazer os polimentos, tirar alguma coisa. A gente gostaria que passasse como chegou, mas sabemos que vai ter mudança”, reconheceu. “Quem vai **bater o pênalti** é a Câmara dos Deputados e, depois, o Senado”, ressaltou. <https://www.metropoles.com/mundo/politica-int/bolsonaro-sobre-previdencia-quem-vai-bater-o-penalti-e-a-camara>. Acesso em: 31 maio 2019

(11) Zagueiro do Paysandu **bate pênalti** de forma bizarra na final da Copa Verde e vira piada na web. <https://www.torcedores.com/noticias/2019/11/zagueiro-pay-sandu-erra-penalti-de-forma-bizarra-e-vira-piada>. Acesso em 05 jan. 2020

Algumas das expressões estudadas, contudo, não revelam essa diferença de composicionalidade de acordo com o contexto (esportivo e não esportivo). Essas expressões são: “dar/levar carrinho”; “dar/levar pedalada”; “dar/levar balão”; “dar/levar caneta”; “fazer chuveirinho”; “fazer gol de bicicleta”; “fazer fila”; “dar/levar chapéu”; “dar/levar lençol”; “tomar frango”; “levar meia lua” e “pendurar as chuteiras”. Essas expressões mostraram-se igualmente não composicionais em todos os contextos em que elas apareceram em nossa amostra, como ilustram os exemplos 12 e 13.

(12) Depois das bolas nas costas, Moro **leva carrinhos** no jogo da política. <https://amazonasatual.com.br/depois-das-bolas-nas-costas-moro-leva-carrinhos-no-jogo-da-politica/>. Acesso em 23 maio 2019

(13) E foi então que, quando tudo parecia mais feio do que o horrendo uniforme com que jogamos, Hernanes acreditou numa bola perdida, **deu um carrinho** e a ganhou uma, duas vezes para entregá-la a Edimar, que chuveirou na área. <http://saopaulofc.com.br/2017/10/adeus-z-4/>. Acesso em: 05 out. 2017

O contexto, de fato, interfere no grau de composicionalidade das expressões. Expressões fora do contexto esportivo são propensas a uma leitura menos composicional, se forem comparadas suas ocorrências dentro e fora desse contexto.

Uma característica das expressões fora do domínio esportivo é que elas quase sempre apresentam uma metáfora conceptual de jogada, disputa, negociação. Tal característica propicia uma transposição das expressões em questão para contextos menos prototípicos (em termos de lugar de manifestação): artístico/literários (cf. ex. 9), econômicos (cf. ex. 7), políticos (cf. ex. 12), publicitários, por exemplo. Outra característica desses textos é o fato de que eles ocorrem, no geral, relacionados a assuntos políticos. A conclusão a que isso nos leva é a de que o cenário político é facilmente comparado a uma cena de jogo e/ou de embate (de ideias), o que, conseqüentemente, favorece a ocorrência dessas expressões.

Tais resultados confirmam a hipótese inicial de que fatores cognitivos e pragmáticos também estariam em jogo ao realizarmos a transposição dessas expressões para diferentes domínios discursivos, influenciando, dessa forma, o sentido das expressões e, por consequência, o grau de composicionalidade nelas envolvido.

MUDANÇA, ESTABILIDADE E VARIAÇÃO

Há algumas expressões que se revelam mais cristalizadas, *chunks*. Possivelmente são resultantes de um processo de construcionalização lexical (conforme MACHADO VIEIRA, 2014, descreve). Um exemplo disso são as expressões “pendurar as chuteiras” e “fazer 7 a 1”.

No caso da expressão “fazer 7 a 1”, não há a possibilidade de qualquer outra forma de preenchimento dos *slots* que seja capaz de gerar o mesmo significado. Apesar de expressões com placar terem aparecido dezessete vezes no *corpus*, somente a construção “fazer 7 a 1” tem o sentido específico de “dar uma goleada”, uma vez que essa expressão começou a ser acionada rotineiramente nesse sentido somente após a vitória da Alemanha no jogo contra o Brasil na copa de 2014.

Nesse caso, constata-se uma mudança construcional, pois uma microconstrução licenciada por pareamento forma-função já existente (fazer x a y, estado de coisas que representa a disposição de gols por equipe num placar) sofreu alteração na sua função mantendo completamente a forma (fossilizou-se), já que não há a possibilidade de qualquer modificação nesta.

No caso da expressão “pendurar as chuteiras”, há um sentido que se mantém: a ideia de que há alguém em processo de aposentadoria. E esse sentido é o associado a todas as ocorrências da expressão nas duas subamostras (dentro e fora do domínio futebolístico). Mesmo que haja modificação em sua forma como, por exemplo, em “pendurar as raquetes”⁸ (expansão do uso), o sentido de aposentadoria se mantém, só que é perfilado no mundo do tênis. Portanto, há novamente outro caso de mudança construcional, pois a expressão já cristalizada “pendurar as chuteiras” com um significado de “alguém estar se aposentando”, pode sofrer uma pequena alteração em sua forma como em “pendurar as raquetes” ou “pendurar a capa” (em referência a super-herói) e, ainda assim, manter o mesmo sentido (afastamento do serviço ativo), havendo, portanto, alteração na forma, mas não no sentido da construção. Na verdade, esse fato revela que, uma vez entrincheirado na mente dos indivíduos de uma comunidade, eles começam a se valer de novas possibilidades de compatibilização de lexemas ao recrutar o padrão construcional para exprimir uma proposição, apostando que seu interlocutor processará também com base nessa convencionalização (compartilhada socialmente).

Em relação a casos de variação nas expressões estudadas, notamos que, em algumas construções, pode haver variação na escolha do verbo para o preenchimento do *slot* reservado ao verbo suporte. Em construções como: V(semi-)suporte + falta, pênalti, escanteio ou tiro de meta, por exemplo, o *slot* do verbo suporte pode ser preenchido por *cobrar* ou *bater* (quase) sem alteração de sentido. O mesmo ocorre em expressões desse tipo na qual o *slot* reservado para o elemento não verbal é preenchido por *drible*, *finta*, *passé*, *chapéu*, *lançamento* ou *enfiada*. Nesse caso, o *slot* reservado ao verbo suporte poderá ser preenchido tanto pelo verbo *dar* como pelo verbo *fazer* sem apresentar alteração de sentido, como mostram os exemplos:

⁸ Por exemplo: “Depois de **pendurar as raquetes**, Dementieva vira apresentadora em TV russa. Ex-tenista ancora programa sobre a liga de hóquei, um dos esportes mais populares e tradicionais de seu país”. (https://revistatenis.uol.com.br/artigo/depois-de-pendurar-as-raquetes-dementieva-vira-apresentadora-em-tv-russa_7304.html). Outro exemplo: “Henry Cavill pode **pendurar a capa**: rumores afirmam que ator não será mais o Superman.” (<https://mundoconectado.com.br/noticias/v/6812/henry-cavill-pode-pendurar-a-capa-rumores-afirmam-que-ator-nao-sera-mais-o-superman>)

(14) Autor dos dois gols pontepretanos, o atacante de 38 anos ainda recebeu um cartão amarelo ao reclamar do árbitro quando tentou **cobrar uma falta rápida** e o lance não foi válido. <https://m.futebolinterior.com.br/noticias/gilson-kleina-critica-arbitro-e-pede-atitude-da-diretoria-pontepretana>. Acesso em: 05 jan. 2020

(15) Em Porto Alegre, Fernandinho **bateu falta** e Barrios abriu o placar para o Grêmio. <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/pela-libertadores-gremio-bate-botafogo-e-santos-perde-em-casa/>. Acesso em: 05 jan. 2020

(16) Aos 24 minutos, Tréllez recebeu na frente, **fez o drible** em Victor e colocou na área para Yago, que mandou para o fundo do gol. <https://www.portalamirt.com.br/radio-minas/vitoria-derrota-atletico-sobe-tres-posicoes-e-deixa-a-zona-de-rebaixamento/>. Acesso em: 05 jan. 2020

(17) Em dois deles, teve lances memoráveis: diante do RB Brasil, no Paulistão, quando **deu drible desconcertante** em Thallyson. <http://www.tudotimao.com.br/news.asp?nID=122711>. Acesso em: 05 jan. 2020

Observamos, a partir dos exemplos, que as expressões “cobrar uma falta” e “bater uma falta” se apresentam como formas variantes (quase-sinônimos), pois podem levar à mesma inferência de sentido; o mesmo ocorre com as expressões “fazer drible” e “dar drible”, que também podem ser empregadas sinalizando sentido similar. Há, como esses, exemplos na amostra em que a variação nos lexemas que preenchem o *slot* de verbo (semi-)suporte não implica alteração do significado do predicador, o que é evidência em favor de relações de similaridade entre expressões verbo-nominais.⁹

DISCUSSÃO

A descrição feita traz à tona evidência da categoria de verbo semissuporte, um espaço intermediário na tipologia de funcionalidade de verbo instrumental/gramatical que normalmente não é cogitado na literatura sobre verbo suporte, bem como comprova que expressões que parecem ser do futebol têm escopo bem mais amplo e, principalmente, aparecem em (inter)ações enunciativas em que ocorre negociação de papéis, pontos de vista, cenas (eventos ou situações). Além disso, trata de *chunks*, resultantes de construcionalização lexical, assunto que, embora tenha servido de gatilho para o referencial de Gramática de Construções, continua pouco explorado (em termos de sua sistematicidade) na literatura da área.

⁹ Esse tipo de associação por similaridade fica evidente via relações presentes nas descrições linguísticas empreendidas na literatura, por exemplo na que a que foi feita: “fazer 7 a 1” e “dar (uma) goleada”; “pendurar as chuteiras” e “aposentar-se”.

A observação empírica de ocorrências da construção que envolve itens lexicais do Português que se ligam à categoria de verbo semissuporte é, sem dúvida, uma contribuição à literatura. Verbos auxiliares são normalmente perspectivados com base numa categorização que leva em conta exemplares do protótipo e exemplares fora deste (membros periféricos). Perspectiva similar já não vemos quando o assunto é a categoria verbo suporte, nos estudos normalmente feitos sobre expressões que o envolvem. Em sintonia com o que Machado Vieira (2014, 2018) propõe, nossa pesquisa reforça o vínculo de certos lexemas a uma categoria intermediária entre a de verbo predicador e verbo suporte, haja vista, inclusive, uma certa repetição no acionamento de verbos que atuam geralmente no *slot* de verbo principal de uma predicação, mas que, por combinação ao *slot* de verbo (semi-)suporte de um predicador complexo (por atração ou coerção), passam a ter atributo funcional de verbalizador ao se ligarem/incorporarem tão fortemente ao elemento não verbal que já não é proeminente uma leitura composicional de verbo e complemento verbal (como se dá no caso de verbo predicador).

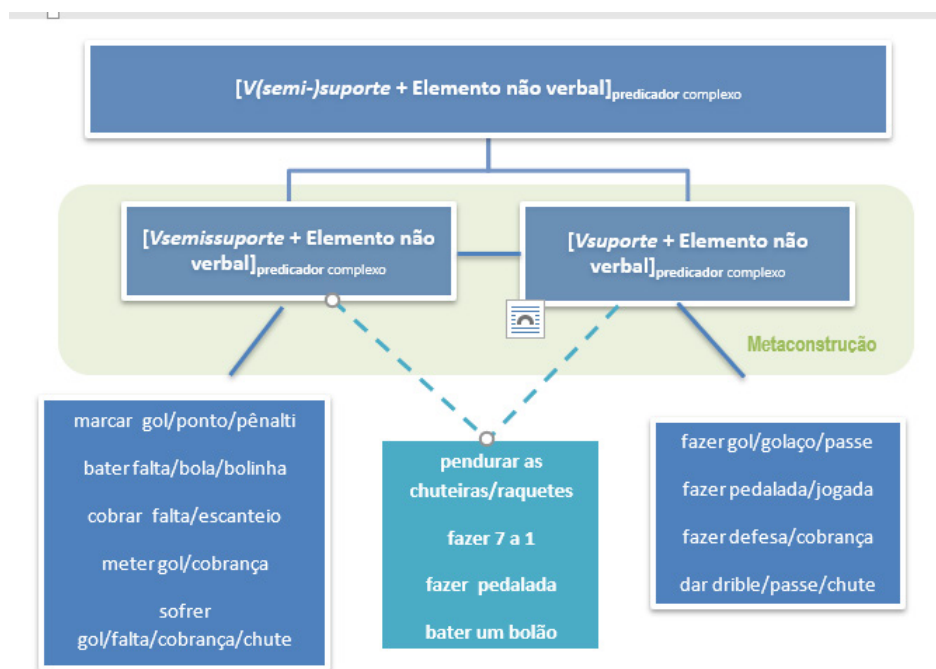
Por haver, na nossa língua, uma relação metafórica entre política e competição, o domínio discursivo em que essas expressões mais ocorreram, depois do contexto esportivo, é o político. E essa observação leva-nos a projetar a possibilidade de futura investigação que se atenha a textos de cunho político, materializados em gêneros e modalidades expressivas diferentes. O fato de os dados terem sido encontrados, principalmente, em sites de jornais, revista e blogs sugere-nos que tais expressões estão mais associadas a uma linguagem mais informal. Por isso, consideramos que textos produzidos em contextos de oralidade também devem ser objeto de observação.

Outro aspecto de destaque neste capítulo é a captura gramatical/linguística de idiomatismos, expressões verbo-nominais que já se manifestam, até em razão da frequência de uso, como *chunks*. Afinal, são repetidas sempre com a mesma forma e o mesmo significado, (quase) não são composicionais, têm sentido idiossincrático. Com isso, afastamo-nos, em certa medida, da tendência geral de concentrar atenção em construções que resultam do processo de construcionalização gramatical. Procuramos examinar todos os dados, perspectivando ambas as possibilidades: tipos construcionais resultantes da construção gramatical de predicado com verbo (semi-)suporte e tipos construcionais entrincheirados na mente e integralmente repetidos por força de um processo de construcionalização lexical que dá margem à expansão da rede de predicadores complexos para dar conta de idiossincrasias. E, assim, encontramos casos de predicadores complexos cristalizados (“pendurar as chuteiras”) que se mantêm relacionados a um significado nos dois diferentes

contextos textuais-discursivos considerados (dentro e fora do futebol), assim como encontramos predicadores complexos (“fazer pedalada”) que se associam a inferências de sentido diferentes, a depender do contexto considerado.

Com isso, alcançamos essa rede de construções de predicadores complexos, com padrões construcionais de diferentes níveis de esquematização, entre os quais está inclusive a previsão de metaconstrução para os potenciais casos de predicadores com (valores de) atributos diferentes mas relacionados por similaridade na expressão de um estado de coisas (*fazer cobrança (de falta), meter cobrança (de falta); bater falta, cobrar falta; sofrer gol, levar gol, tomar gol*) e, assim, pertencentes a uma zona de potencial neutralização de suas diferenças em prol de uma mesma funcionalidade semântica (“dar um drible”, “driblar”).

Figura 6 – Rede de padrões construcionais de predicador complexo.



Fonte: Autoral.

CONCLUSÃO

Expressões com verbo suporte indicativas de uma jogada esportiva são muito recorrentes no Português, principalmente no contexto esportivo. Apesar de no

contexto esportivo essas expressões serem bem mais recorrentes, seu emprego vai além do campo esportivo, são frequentes em outros domínios discursivos.

Em relação à classificação dos verbos encontrados, observamos uma grande ocorrência do verbo *fazer* como verbo suporte e uma grande ocorrência de outros verbos que, segundo a definição de Machado Vieira (2014, 2018), são classificados como verbo semissuporte.

Em relação à rede de padrões construcionais à qual as expressões estudadas estão ligadas, foi possível observar que as construções em questão são licenciadas pela seguinte construção de predicador complexo: [V(semi-)suporte + elemento não verbal]predicador verbal complexo Participanten, em que este pode ser igual a um ou mais de um participante.

Também observamos nesta pesquisa que algumas das construções estudadas já estão sofrendo mudanças. Há expressões que já se configuram como um *chunk* por se apresentarem como expressões estrutural e semanticamente cristalizadas. Algumas das construções estudadas também revelam ter passado por mudanças construcionais, por sofrerem alterações em sua forma, que não implicam propriamente alterações em sua significação/função, e outras por sofrerem mudança em sua função.

Apresentamos aqui um mapeamento de predicções usadas no Português brasileiro e típicas de uma linguagem empregada no esporte mais conhecido do país. Mostramos que lexemas e expressões formados no espaço esportivo do futebol ganham outras territorialidades em novas experiências discursivas, à medida que se reelaboram, metaforicamente, em função de novas condições cognitivas e sociopragmáticas.

REFERÊNCIAS

- BORBA, Francisco S. *Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil*. Araraquara-SP: Editora UNESP, 1991.
- BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, Joan; MODER, Carol Lynn. *Chunking and changes in compositionality in context*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.
- DIEWALD, Gabriele. *Context types in grammaticalization as constructions*. Constructions SV1-9, Düsseldorf, 2006. (www.constructions-online.de, urn:nbn:de:0009-4-6860, ISSN 1860-2010).

FRIED, Mirjam. Principles of constructional change. In: TROUSDALE, Graeme; HOFFMANN, Thomas (ed.). *The Oxford handbook of Construction Grammar*. Oxford University Press. 2013. Final preproof version.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford, 2006.

GOLDBERG, Adele E. Compositionality. In: Riemer, N. (ed.). *Semantics Handbook*. Routledge, 2016.

IBBOTSON, Paul. The scope of usage-based theory. *Frontiers in Psychology*, v. 4, 2013. | <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2013.00255>.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Idiomaticidade em construções com verbo suporte do Português. Rio de Janeiro: SOLETRAS, 2014.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Variação e mudança na descrição construcional: complexos verbo-nominais. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume Especial, dez de 2016, p. 152-170. ISSN 2238- 975X 1. [<https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/5445>].

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Predicar com construção com verbo suporte. In: DE PAULA et al. (org.). *Uma história de investigações sobre a língua portuguesa: homenagem a Silvia Brandão*. São Paulo: Blucher, p. 90-112, 2018.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos; SANTOS, Júlia Lessa dos; KROPF, Morgana Pinheiro Albuquerque. Variação construcional por analogia: padrões construcionais de predicação verbal na voz passiva. SOLETRAS [S.l.], n. 37, p. 154-178, 2019. ISSN 2316-8838. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/38481>. Acesso em: 27 out. 2021. doi:<https://doi.org/10.12957/soletras.2019.38481>.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos; WIEDEMER, Marcos Luiz. A variação no modelo construcionista da Linguística Funcional-Cognitiva. In: BRESCANCINI, Cláudia Regina; MONARETTO, Valéria. Neto de Oliveira (org.). *Sociolinguística no Brasil: textos selecionados*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2020, p. 265-304.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Support verb complex predicates in varieties of Portuguese. Presentation at SLE www.societaslinguistica.eu/interaction, 2021. <https://osf.io/kwt2c/>.

MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

RAPOSO, Eduardo Paiva B *et al.* (org.). *Gramática do Português*. Vol. I e II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

TEIXEIRA, Ravena Beatriz. *Estruturas com verbo (semi)suporte: a variação sob um prisma construcionista*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras. 2020. 155fl. <http://www.posvernaculas.lettras.ufrj.br/pt/mestrado/dissertacoes/2020/1779-ravena-beatriz-de-sousa-teixeira.html>.

TRAUGOTT, Elizabeth. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: 54 ECKARD, R. *et al.* (ed.). *Variation, Selection, Development – Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 219-250, 2008.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Constructional changes*. Great Britain: Oxford University Press, 2013.

TROUSDALE, Graeme. Construction Grammar. In: KYTO, Merja; PAHTA, Päivi (ed.). *The Cambridge Handbook of English Historical Linguistics*. Cambridge Handbooks in Language and Linguistics, Cambridge University Press, Cambridge, 2016.

